

ciência aplicada ao social que é a sociedade contemporânea e que vive ao nível da mais alta literatura nos romances de Raymond Abellio intitulados *Os Olhos de Ezequiel Estão Abertos* (1944) e *O Fosso de Babel* (1962). Abellio, que é engenheiro, escreveu também *A Bíblia, Documento Cifrado* e *Para Um Novo Profetismo*, além de outras obras que dir-se-ia terem tido em França um eco pouco popular, mas que contribuíram grandemente para formar uma espécie de *élite* que crê no valor universal e eterno desta literatura, perfeitamente adaptada às exigências do homem actual, síntese de muitos conhecimentos que transcendem os limites do estético e do político. Poderia afirmar-se inclusivamente que os romances de Abellio constituem a síntese literária ou conclusão de duas técnicas distintas do conhecer que são, por um lado, «o esoterismo» de René Guénon (o homem que acreditava na mensagem secreta das sabedorias e se converteu ao maometanismo, afirmando que o cristianismo perdeu todo e qualquer contacto com os segredos prístinos e que o Ocidente está totalmente devastado pela filosofia racionalista e pela técnica) e, por outro lado, a fenomenologia de Husserl.

Conheci Abellio em 1957, durante a minha primeira viagem a Paris, e foi ele o primeiro escritor francês que desejei encontrar depois da revelação de *Os Olhos de Ezequiel Estão Abertos*, romance que em grande parte se desenrola em Espanha durante a guerra civil e põe em relevo o conflito básico do nosso tempo, ou seja, a luta travada entre o romancista e o santo, por um lado, e o político ou o novo Estaline, pelo outro, ao passo que em *O Fosso de Babel* nos é dada a técnica a seguir para formar núcleos de organizações espirituais destinados a salvar o homem submetido cada vez mais à pressão destruidora do político e de tudo quanto a este diz respeito. Os dois livros são autênticas epopeias do homem moderno e da mutação que se está a operar nas suas entranhas.

Abellio, um homem do Sul, um pirenaico, está como que possuído pelo dom da adivinhação e pela sensibilidade futurista. Pensa e fala com rapidez. A nossa conversa desenrola-se no seu andar do 16.º Bairro de Paris, enquanto o Outono desnuda as árvores numa clara e límpida manhã de domingo.

Vintilla Horta — Vou interrogá-lo acerca de um problema que temos discutido várias vezes ao longo dos nossos encontros parisienses. Que relação estabelece o senhor entre o romance e a fenomenologia? Como pôde o senhor mesmo realizar a transposição do filosófico para o literário?

Raymond Abellio — Não é esse um problema que me tenha surgido de repente. Foi antes algo que se me veio patenteando ao longo

da minha experiência novelística. Escrevi com total espontaneidade os meus romances na primeira pessoa, o que constitui simultaneamente uma facilidade e uma dificuldade considerável. Isto afigura-se muito fácil aos que vêm nesta técnica uma forma de penetrarmos no âmago das personagens como um demónio todo-poderoso. É assim como se cada qual criasse o seu próprio mundo, um mundo interior que logra dominar perfeitamente. Mas, ao mesmo tempo, e na medida em que esse mundo interior se nos afigura pouco coerente, como o resultado de uma experiência não satisfatória ou pelo menos insuficiente, damo-nos conta de que os seres na sua vera essência nos escapam. Chega, pois, a pôr-se o problema do nosso próprio enigma e o das personagens que criamos. Pouco a pouco, entre *Os Olhos de Ezequiel* e *O Fosso de Babel*, pude verificar como a minha experiência fenomenológica se encontrava como que integrada na minha experiência novelística, de criador de personagens. A minha maneira filosófica de ser, em contacto com a leitura de Husserl e com a vivência da fenomenologia, conformava a minha maneira literária de ser. Nestas circunstâncias, posso hoje afirmar que *Os Olhos de Ezequiel* é um romance imperfeito, uma obra ingénua, recheada de argumentação que não me satisfaz, ao passo que em *O Fosso de Babel* tratei de forma sistemática (sabendo já o que era «o eu transcendental» e tendo consumido por assim dizer uma boa parte da experiência fenomenológica), quer o tema quer as personagens. Nesse livro, fenomenologia confunde-se com o problema da criação novelesca. Por outras palavras, o «eu transcendental» da personagem central que afirma: «eu», é um «eu» universal, em oposição ao romancista que pretende alhear-se dos seus heróis. O meu «eu transcendental» penetra nas personagens por todos os lados, outorgando-se desta maneira o direito de ter delas perspectivas absolutas. A minha criação de romancista neste sentido confunde-se com a minha vida, torna-a coerente.

V. H. — Como pôde alcançar esse resultado? Fê-lo de maneira inconsciente ou, pelo contrário, mercê de uma lenta e consciente evolução? Como logrou coincidir tão exuberantemente com algo que se diria estranho à sua vocação?

R. A. — Logrei coincidir no dia em que compreendi o que era o «eu transcendental» como experiência vivida. Chama-se a isto na linguagem tradicional uma experiência iniciática. É como um umbral que se transpõe de uma vez para sempre, de forma irreversível. Na altura em que escrevia *Os Olhos de Ezequiel* apenas presentia essa possibilidade, estava mais familiarizado com a forma externa da experiência iniciática do que com o conteúdo. Tivera muitos con-